

## **“#VEMPRARUA” – CONTEMPLAÇÃO E INDIGNAÇÃO NA MÍSTICA DA PASTORAL DA JUVENTUDE**

*Joilson de Souza Toledo<sup>1</sup>*

**Resumo:** O foco no seguimento de Jesus expresso, também, através da militância social tem marcado, nos últimos 50 anos, muitos grupos da Igreja Católica no Brasil dentre eles os grupos da Pastoral da Juventude (PJ). Estes vivem o que alguns autores chamam de cristianismo da libertação (LÖWY, 2000, p. 57) ou cristianismo político (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 78). Estas categorias nos possibilitam ler a especificidade da experiência dos jovens que escolhem a PJ como seu espaço de vivência eclesial. Em sintonia com outros grupos da pastoral popular e das CEB's a PJ é herdeira da Ação Católica (DICK, 2013, p. 19; SOFIATI, 2012, p. 19. 40-41). Estas pessoas e grupos se sentem convocados, por causa de sua fé a em engajar em lutas a abraçar bandeiras de luta pela vida e por direitos. Tal convocação toca a pessoa humana em sua totalidade. Marcará o nascimento de uma pastoral, uma teologia e uma espiritualidade da libertação, onde um é condição de possibilidade para a outra, numa situação dialética. Esta experiência dentre outras peculiaridades tem no retorno ao Jesus histórico e na centralidade do Reino de Deus elementos chave. Jesus aparece como alguém a ser seguido, com uma práxis a ser continuada. Para estes grupos as virtudes cristãs tomam contornos específicos com o intuito de iluminar com a fé seu compromisso com os empobrecidos. Dentre estas virtudes, para este momento histórico, contemplação e indignação se apresentam numa relação dialética que convoca para a mudança social. Dão um matiz peculiar ao seguimento de Jesus dentro da opção preferencial pelos pobres. Assim, os membros da PJ são marcados por um projeto pedagógico-teológico onde evangelização e defesa da vida das juventudes caminham juntas. O que os impulsiona a sair rumo à construção de outros cenários possíveis.

**Palavras chave:** Seguimento de Jesus. Militância. Espiritualidade. Libertação. Juventudes

### **INTRODUÇÃO**

Seguir Jesus tem sido um dom e um desafio para várias pessoas, gerações e povos nestes quase 2000 anos. Para quem vive na América Latina no alvorecer do século XXI e busca viver no compromisso com os empobrecidos esta jornada ganha matizes especiais. Os discípulos de Jesus se sentem impelidos a ir às ruas. Para além dos salões comunitários e igrejas paroquiais.

Em sua obra “A guerra dos deuses” Löwy (2000) analisa o que ele chama de cristianismo da libertação (LÖWY, 2000, p. 57). Este cristianismo da libertação, desde sua

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências da Religião na PUC Goiás. Especialista em Formação para a Vida Religiosa (ESTEF/RS). Graduado em Teologia (CESJF/MG). Graduado em Gestão Pastoral (ISTA/MG). É membro da ABIB (Associação de Pesquisa Bíblica) e da SBL (Society of Biblical Literature). Email: mistagogo@yahoo.com.br

gênese, tem sido uma convocação para toda igreja a ir além do que é visto no campo estritamente religioso (LÖWY, 2000, p. 56-57). Uma incubadora de consciências autônomas, de posturas questionadoras, de reivindicações de outros horizontes. Por isso, podemos de certa forma, dizer que o “#VempraRua”, que tomou conta das redes sociais em 2013 com outras configurações tem ecoado neste meios há algumas décadas.

Em se tratando da manifestação “os contextos em que se dão estas manifestações e novas (ou velhas) formas de reivindicação política é complexo e de difícil cartografia” (IHU introdução, 2013 p. 5). Contudo, é inegável que as manifestações de 2013 questionaram todas as formas de organização tradicional. Nelas foram vistas pessoas protestando pelas mais diversas bandeiras. Mais do que se perguntar o que significaram as manifestações, e levando em consideração que vários cristãos da libertação estavam lá, queremos refletir o que motiva este grupo em específico. Traçar alguns contornos que a chamada que ecoou nas redes sociais tem entre uma parcela daqueles que vivem o seguimento de Jesus no compromisso com os empobrecidos.

O que motiva e orienta a indignação? No fundo, estamos abordando um caminho espiritual. Estrada por onde jovens da Pastoral da Juventude (PJ) têm caminhado. Experiência que tem gestado várias formas de militância. Inquietações que configuram uma maneira de seguir Jesus na América Latina.

Junto com Löwy e Sofiati entendo a Pastoral da Juventude como expressão juvenil do cristianismo da libertação (LÖWY apud SOFIATI, 2012, p. 14) o presente artigo reflete dois elementos centrais para sua experiência espiritual: o Seguimento de Jesus e o Reino de Deus. Ao partir deste eixo reflete sobre as virtudes necessárias para esta vivencia no tempo presente focando na contemplação e na indignação.

## **1. CRISTIANISMO DA LIBERTAÇÃO E PASTORAL DA JUVENTUDE**

O movimento social que Löwy chama de cristianismo da libertação surge no começo da década de 60 (LÖWY, 2000, p. 56), caracterizando assim toda a práxis da teologia da libertação ou que é a origem da mesma. Experiência de seguir Jesus no compromisso com os empobrecidos. Ao traçar as características da teologia da libertação o autor lembra a crítica à dualidade da teologia tradicional (LÖWY, 2000, p. 61). Nesta perspectiva a prática de oração e militância, a vida de fé e compromisso social estabelecem uma relação dialética onde um

elemento pressupõe e alimenta o outro. Ao ponto de configurar um papel subversivo da experiência religiosa.

Danièle Hervieu-Léger em o *Peregrino e o Convertido* (2008) também nos oferece uma chave de leitura para entender a experiência de seguimento de Jesus que se dá no cristianismo da libertação ou, mais especificamente, na PJ. Ao falar sobre as identidades religiosas em movimento (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 65), a autora aborda as dimensões que estruturam o cristianismo: ética, cultural, afetiva e comunitária. Neste ponto afirma que, na configuração de binômios, é que se dá a constituição de maneiras diferentes de viver a fé católica neste momento histórico. Um deste binômios a autora chamará de cristianismo político (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 78), onde a experiência de adesão à fé vem marcada pela relação com a militância social.

Continuando a configurar esta experiência de cristianismo político ou cristianismo da libertação, no âmbito da juventude encontramos na apresentação de *Juventude Católica: O novo discurso da Teologia da Libertação*, livro que resultou da dissertação de mestrado de Flavio Sofiati, a seguinte descrição de Löwy:

Esse movimento inclui setores significativos do clero – padres, freiras, ordens religiosas, bispos – dos movimentos religiosos leigos, como a Ação Católica, a JUC, a JOC, das comissões pastorais – como Justiça e Paz, Pastoral da Terra, Pastoral Operária, **Pastoral da Juventude**<sup>ii</sup> – e das comunidades eclesiais de base (CEB's). Trata-se de uma ampla e complexa rede que ultrapassa os limites da Igreja como instituição, e que reúne, a partir dos anos 1970, milhões de cristãos que partilham a “opção prioritária pelos pobres” – um compromisso social que não mais considera o pobre como objeto da caridade cristã, mas como sujeito histórico de sua própria libertação (SOFIATI, 2012, p. 13).

Aqueles que têm o compromisso com o Reino como elemento central de seu projeto de vida e vivem o seguimento de Jesus comprometidos nos mais diversos campos da vida eclesial e social, seu processo de educação na fé chega a um momento em que a pessoa dá um passo de se comprometer mais. Reconhecendo os mecanismos sociais anti-evangélicos, tais como exclusão social, racismo, homofobia, patriarcado, sente-se chamado a transformá-los. A estas pessoas com esta experiência a Pastoral da Juventude chama de militantes (CELAM, 2012, p. 157-160). Também todo daquele que se dispõe a viver a proposta da PJ é chamado coloquialmente de “pejoteiro”. Ser “pejoteiro” é viver o seguimento de Jesus nesta vivência e com as opções que a PJ propõe, almeja e possibilita.

O que motiva estes militantes a viver esta paixão pelo Reino? O que impulsiona a viver este “caminho bordado a fé”<sup>iii</sup>? Sim, falamos de pessoas que aprenderam a se apaixonar

pelo Reino dentro PJ. Algumas, por causa desta paixão, foram longe. Falamos de uma experiência de alguém que, na fé, se sente levado e conduzido pelos sonhos, pelo impulso do seu coração mais do que sobre os fatores externos. Neste caminho do cristianismo da libertação muitos caminharam “sem outra luz nem guia além da que no coração me ardia”<sup>iv</sup>, como poetizou João da Cruz.

Na música “Caminhos das Águas”<sup>v</sup>, composição de Rodrigo Maranhão que ganhou notoriedade na voz de Maria Rita se encontra um lindo poema que nos remete a experiência dos militantes da PJ. Já ouviu a canção? Quem ainda não a conhece vale a pena conferir.

“Me leva no seu bumbar, me leva”... Como acontece com toda paixão verdadeira, também a paixão pelo Reino é ser “levado”. Assim, como aconteceu com Jesus de Nazaré (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993, p.111-112). Também, como em toda experiência de estar enamorado, por vezes carregamos nas tintas, mas isso, em si, não diminui a autenticidade da paixão. Talvez queira dizer que esta imensa energia de amar necessita ser mais bem canalizada ou expressa de outras formas.

Desta forma, é possível falar da militância não somente como “agir”, mas também um “se deixar levar” pelo mistério de Cristo manifestado nos pobres, nos jovens, nas lutas onde os “pejoteiros” se engajam. De alguém que se deixa seduzir e sofre as consequências disso, como Jeremias (Jr 20, 7-9). De um povo que se deixa levar por uma utopia de amor e liberdade tal qual a caminhada do povo no deserto (Nm 9,15-23). Como Paulo, depois de uma longa jornada, expressa sua autocompreensão na carta ao filipenses (Fil 3, 7-11), ou na imagem de Pedro que aparece no evangelho de João: “é deixar que alguém ponha o cinto em você e te leve pra onde você não quer ir” (Jo 21, 18).

E, por que não dizer, compromisso a dentro? Pois, como diz a canção: “A barca segue seu rumo lento, como quem já não quer mais voltar. Como quem se acostumou no canto das águas. Como quem já não quer mais chegar”. Quem tem esta experiência acredita que todo cristão tem o direito sagrado e inalienável de “levar a sério o evangelho”. Logo, não deveria haver problema em “ir mar adentro”.

Contudo, convém também lembrar que esta experiência de relação com a mudança social não se dá apenas na militância dentro da PJ, mas marca toda a sua espiritualidade e opções pedagógicas (ANDRADE; VIERA; SILVA, 2012, p. 46-55). Herdeira da Ação Católica (DICK, 2013, p. 19), a PJ traz em sua metodologia um jeito de ser, onde crer e viver onde fé e vida, espiritualidade e compromisso social, cristianismo e envolvimento com a vida concreta da juventude e da população em geral se alimentam e se questionam numa relação dialética.

## **2. JESUS E O REINO: ELEMENTOS CENTRAIS**

Depois da abordagem o que Lowy chama de Cristianismo da libertação vamos focar mais especificamente em alguns elementos da mística da PJ é importante focar no que a fundamenta. Conforme afirmamos acima, a militância e a espiritualidade têm suas raízes na experiência de fé e, mais especificamente, nos elementos fundantes da espiritualidade da libertação. Ela é a seiva que nutre o cristianismo da libertação. Esta experiência configurará uma maneira de conceber, ou melhor, de vivenciar a espiritualidade de forma singular.

Em “Espiritualidade da Libertação” Casaldáliga e Vigil (1993) – elencam uma série de elementos que caracterizam e motivam os militantes a irem para a rua. Esta obra, no primeiro capítulo, se ocupa a delinear o que seria espiritualidade dentro da perspectiva da teologia da libertação (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993, p. 21- 42). Traços da experiência de busca da libertação na América Latina (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993, p. 43-93) e a especificidade da militância dentro do seguimento de Jesus (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993, p. 94-224).

A vivência do discipulado, neste contexto, se dá a partir de uma volta à figura de Jesus histórico. A vida pública e a humanidade de Jesus ganham relevância. É o Jesus de Nazaré que, além de ser admirado, pode ser seguido. Sem se perder numa sede arqueológica estéril, os que estão na PJ buscam reconstruir no hoje da história a práxis de Jesus (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993, p. 98).

Aqui teremos, na experiência de militância e da espiritualidade da PJ, algo muito característico da teologia da libertação que é ter a práxis histórica como porta de entrada (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993, p. 98). Desta forma, o convite “#vempraRua” no contexto da PJ é uma configuração histórica do vinde e vede (Jo 1,39). O convite a se dedicar à transformação social (#VempraRua) tem sua fonte numa busca espiritual (“Mestre, onde moras?”, Jo, 1 38).

Esta experiência de “andar com Jesus” se torna elemento estruturante da vida do militante da PJ. Este Jesus revelador do rosto do Pai, profundamente humano, entregue à causa do Reino, anunciador do Deus do Reino, pobre e encarnado no meio dos pobres, subversivo, “praticador” do Reino, denunciador do anti-Reino, livre, a favor da vida do povo, compassivo, ecumênico, feminista, conflitivo, perseguido e mártir, caminho, verdade e vida do Reino (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993, p. 124-128) vai-se tornando norma de vida.

Nesta empreitada as lideranças da PJ se dão conta do lugar do Reino de Deus na experiência de fé e no projeto missionário de Jesus de Nazaré. Assim fazem do Reinado de Deus o centro de suas vidas (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993, p. 107). Abraçam causas,

levantam bandeiras que possam ser configuração histórica – contingencial – mas história no Reino no cotidiano da História. Tornam-se atentos às urgências do seguimento neste contexto histórico.

Num contexto de relativismo, o Reino de Deus se torna um parâmetro para o que seria absoluto e o que seria relativo. Assim como foi pra Jesus (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993, p. 110-111). Buscar o Reino, como ensinou o Evangelho, é o absoluto para estes militantes (Mt 6, 33) e esta busca se dá em configurações históricas. O absoluto do Reino é buscado no provisório do histórico, das lutas do povo (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993, p.112-115).

### **3. VIRTUDES PARA O TEMPO PRESENTE**

Cada momento histórico demanda dos discípulos de Jesus respostas a questões concretas. Posturas que ajudem a vivenciar o tempo presente. A experiência do cristianismo da libertação, ou mais especificamente a que os militantes da PJ fazem neste momento histórico, pede uma dinâmica que a alimente, virtudes adequadas. Elas são desafio e graça.

Para descobri-la é preciso escavar o solo, como quem busca uma pepita de ouro, ou uma pérola de grande valor, como diz o Evangelho (cf. Mt 13, 1ss). É preciso dar-se tempo e trabalho, para encontrar este artigo cada vez mais raro da virtude em nossos dias (YUNES; BINGEMER, 2001, p.7).

Nesta busca do grande valor para a vida de quem segue Jesus no compromisso com os empobrecidos, dentre as várias virtudes do tempo presente, citadas na obra “Virtudes”, organizada por Yunes e Bingemer (2001), contemplação e indignação são virtudes essências e não somente de forma isolada, mas a junção das duas. Talvez seja o momento de falar de uma “contemplação indignada” ou uma “indignação contemplativa”. Seguir Jesus na América Latina hoje convida os cristãos a viver a profundidade da contemplação de quem chega a perceber que só Deus basta e a radicalidade de quem sonha e milita com um processo de libertação global, sem perder a ternura. Então olhemos o que cada uma destas virtudes pode trazer na vida de um militante hoje.

#### **1. CONTEMPLAÇÃO**

A história do cristianismo mostra, e para os latino-americanos não é diferente, que um dos primeiros passos no seguimento de Jesus é se dar conta de que nascemos orientados para Deus: fomos criados para louvar, reverenciar e servir a Ele (BINGEMER, 1990, p. 167-

178). Aqui reside um dos pontos característicos da contemplação na perspectiva cristã. Esta verdade de fé, para os cristãos, é revelada ou levada à plenitude pela pessoa de Jesus de Nazaré. Só em Deus nossa alma (interioridade) tem repouso, “pois é dele que nos vem a salvação” (Sl 62,2) como canta o salmista. “A experiência de Deus somente acontece a partir de um êxodo bilateral: Deus sai de si e vem ao nosso encontro. A nós cabe igualmente sair de nós mesmo e encontrá-lo” (PEREIRA, 2001, p. 27). Desta forma, experimentar Deus, contemplar, exige deslocamento e pré-disposição para a mobilidade.

A contemplação colabora para que o jovem se centre enquanto pessoa. Ajuda a colocar o foco no essencial (YUNES, 2001, p. 13). O que convida a aprender a “perder” tempo. Possibilita ultrapassar posturas centradas no narcisismo, produtividade, utilitarismo e controle (PEDREIRA, 2001, p. 32-33).

Quero dizer que as pessoas que trabalham sobre o mundo e o transformam ou transportam para a imaginação sempre nos conduzem para um lugar novo, um lugar criativo, um lugar em que a gente possa desfrutar desse difícil processo de contemplar, principalmente no mundo que vivemos (PEREIRA, 2001, p. 19).

Inácio de Loyola já nos alertava que “não é o muito saber que sacia o coração e sim o saborear interiormente as coisas” (LOYOLA Apud BINGEMER, 1990, p. 268). É um convite a experimentar o inefável, o indizível. Falar de contemplação é falar do crescimento em uma pedagogia do olhar, do acolhimento da Beleza. Deixar-se saciar por aquilo que preenche o coração. Contemplação é, acima de tudo, consciência da fonte. Em se tratando da contemplação a partir da espiritualidade da PJ, onde tantas vezes seus membros vivem situações de grande conflitividade, cabe bem o poema de São João de Cruz que foi musicado por Raul Seixas: “Eu conheço bem a fonte, que desce daquele monte ainda que seja de noite”<sup>vi</sup>. De forma ritmada e poética as expressões “fonte” e “ainda que seja de noite” são retomadas várias vezes. A experiência espiritual, a qual este artigo aborda, também é assim. Ter bebido da fonte. Saber que existe uma fonte e, por causa dela, suportar a experiência da noite. A existência da fonte necessariamente não elimina a noite, mas ensina a viver, mesmo nela. Da mesma forma a um mantra de Taizé que canta: “De noite iremos, de noite, iremos buscar a fonte. Só nossa sede nos guia, só nossa sede nos guia”<sup>vii</sup>.

Deus é a fonte. Dele emana a vida. É a fonte da beleza, a fonte do bem. Por isso, quando se enfoca a contemplação, não se pode perder de vista que ela é muito mais que um conjunto de técnicas, por mais que não esteja isenta de uma dimensão técnica também.

É lançar-técnicas para se obter resultados de relaxamento. É muito mais: é lançar-se numa jornada na qual a luz e a escuridão estão presentes, fazendo-nos encontrá-Lo

e perdê-Lo, ao mesmo tempo, mas nunca Dele desistindo (PEDREIRA, 2001, p. 31).

Afinal, todos demandam de momentos em que nos prostramos diante da beleza que está ao redor. Períodos, mesmo que curtos, dedicados ao enamoramento. Onde nos damos por vencidos pela sedução do sagrado. Todavia, é sempre bom lembrar que se ama porque Ele nos amou primeiro. A iniciativa primeira de contemplação não é daquele que a pratica. Antes de tudo, a experiência é de deixar-se amar e iluminar. Ser banhado pela luz que ofusca os sentidos (PEDREIRA, 2001, p. 31). Nesta relação de amor tem-se uma adição de sabedoria, conhecimento, iluminação na própria consciência. Um saber que vem do saborear.

Contemplar é interior e olhar é exterior. Neste sentido, a contemplação será a experiência mais sublime da vida. Nem a ciência é capaz de substituí-la. Talvez a arte chegue mais perto desse estado de elevação, desse toque que tem em si a mágica da criação (PEREIRA, 2001, p. 21).

Nisso tudo se reconhece que contemplação é muito mais do que um exercício intelectual. Um falar ou pensar sobre Deus. Na experiência contemplativa Deus é pessoa, não é assunto. Aquele que motiva, dá sentido à existência. Como a afirma Paulo nos Atos dos Apóstolos “nele vivemos, nos movemos e existimos” (At 17,28).

Contudo, toda esta vivência não afasta o cristão da libertação ou o membro da PJ da realidade. Pelo contrário, é uma contemplação que acolhe a realidade em todas as suas dimensões: responsabilidade humana, conflitos políticos, movimento popular, neoliberalismo, problemas diários da vida (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993, p. 131-132). E por isso esta vivência o convida a “ir para a rua”.

É nesta “realidade tão real” que fazemos nossa experiência de Deus como contemplativos na libertação. Não negamos o sentido que tem para nós o se “retirar”, a solidão, a “experiência de deserto”... Mas entre nós se trata sempre de um afastamento metodológico, instrumental, não de conteúdo: retiramo-nos “com a realidade às costas”, com o coração grávido de mundo. Não nos retiramos do mundo; simplesmente penetramos em sua dimensão de profundidade, que para nós é religiosa (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993, p. 132).

As principais mediações para esta experiência são a realidade e a Bíblia. Uma ajudando a ler a outra. Uma iluminando a outra. Uma questionando a outra. Uma pedindo respostas à outra (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993, p. 133). Assim temos sinalizado o lugar central que a Sagrada Escritura ocupa nesta experiência espiritual. A Bíblia é a ponte, os óculos, o ponto de vista que possibilita este jeito de olhar a realidade e as coisas da fé.

Por isso, toda luta terá o seu fim na contemplação final. Militamos para um dia descansar Naquele que nos anima a estar na luta. No fim vamos celebrar a alegria do encontro. Esta maneira contemplativa de encarar a vida nos leva a uma indignação mais profunda, pois

quem saboreia o amor “escandaloso” de Deus que se compadece diante da realidade social e eclesial em que estamos imersos (Is 49, 15).

## 2. INDIGNAÇÃO

Esta virtude é um tanto controversa (HORTAL, 2001, p. 92 e ARAGÃO, 2001, p. 102). Nem sempre as “pessoas de Igreja” a acolheram bem quem a tem. Quando se fala de indignação fala-se da capacidade de agir, força, mobilização, vontade de mudar e isso, por vezes, assusta. Contudo, devemos lembrar que o ser humano é o único ser vivo que não aceita o que é (ALENCAR, 2001, p. 97). Por isso, podemos falar dela como busca essencial do ser humano.

Em “Espiritualidade da Libertação” José Maria Vigil e Pedro Casaldáliga fazem uma abordagem onde apontam, como já afirmamos anteriormente, alguns elementos comuns à espiritualidade da libertação compartilhada também por grupos não-cristãos. O segundo artigo intitula-se Indignação Ética (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993, p. 46-51). Nesta parte afirmam que a indignação ética é uma experiência fundante, um catalizador da síntese de pensamento sobre o qual escrevem. Ao ponto de alguns cristãos – neste caso o cristianismo da libertação – poderem se sentir profundamente irmanados com aqueles que compartilham esta experiência, mesmo não sendo “de Igreja”, e radicalmente deslocados em relação a grupos eclesiais que não partilham do mesmo sentimento de indignação (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993, p. 46-47).

Esta não é um simples sentimento, mas sim uma síntese vital que compreende: “1) a percepção da “realidade fundamental”; 2) a indignação ética diante da realidade; 3) a percepção de uma exigência inevitável; 4) a tomada de posição ou opção fundamental” (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993, p. 47). Assim, a realidade concreta dos pobres se torna um lugar teológico, sem o qual não é possível falar de uma espiritualidade da libertação (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993, p. 49).

Neste contexto é possível falar da dimensão teológica da indignação como fez Aragão (2001):

Muitas vezes a Igreja esqueceu que indignar-se está na fonte da manifestação do próprio Deus, que no Êxodo é aquele “que-está-a?”, vê a miséria do seu povo, escuta o seu clamor e desce para libertá-lo. Indignação é, então, um processo radicalmente teológico, lugar privilegiado da experiência da ação de Deus no mundo (ARAGÃO, 2001, p. 106).

Diante desta percepção é impossível ficar parado. Exige uma tomada de posição. Daí vem a crítica que Chico Alencar compartilha com a música *Indignação do Skank*<sup>viii</sup>. Ele chega a transcrever um trecho da música “A nossa indignação é um mosca sem asa que não vai além da janela da nossa casa, a nossa indignação é muitas vezes uma indigna ação” (ALENCAR, 2001, p. 96). Em seguida, ao falar da relação da indignação com a experiência de fé, afirma:

A indignação é a mãe da religiosidade humana. Religiosidade no sentido de religar o homem ao absoluto de Deus, ao que o transcende. É uma atitude de indignação àquilo que nos prende, àquilo que nos coloca na imanência e no rés do chão (ALENCAR, 2001, p. 97).

Por tudo isso não é prudente ser ingênuo ou eufórico. “Indignação é como colesterol, tem bom e tem ruim” (ALENCAR, 2001, p. 99). Desta forma a tentativa de eliminar qualquer forma de indignação pode ser desastrosa para a capacidade da Igreja de dialogar com este tempo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Fazer com que indignação e contemplação dêem as mãos talvez seja um dos maiores desafios de quem vive o cristianismo da libertação. Indignação sem contemplação pode fazer as pessoas perderem a ternura, “esfriarem”, desanimarem... Contemplação sem indignação pode ser um sinal de uma visão limitada da história, de uma ingenuidade ou de conformismo, mas quando as duas se encontram nos tornamos sentinelas de um momento de transição.

Casaldáliga e Vigil expressam a intuição deles sobre isso ao afirmar: “Nós acreditamos que hoje, em fidelidade criativa a esta tradição viva, cabe a nós, na América Latina, viver a contemplação na ação libertadora (*contemplativus in liberatione*)” (1993, p. 130). Esta contemplação está profundamente sintonizada com a intuição e o horizonte para o qual a PJ se propõe caminhar (ANDRADE; VIEIRA; SILVA, 2012, p. 34).

Esta síntese e este horizonte impulsionam a uma atitude de prontidão, de certeza e de espera que permite viver este tempo histórico com urgência e com leveza. Contudo, esta prontidão se dá mais na iniciativa do que na expectativa. É mais ação do que espera. Mais na construção de possibilidades do que em “montar guarda”, esperando algo acontecer. Esta síntese faz ecoar nos ouvidos e vibrar nas gargantas o “#*VempraRua*”. Para além do grito, do cartaz, ou do hashtag na rede social este “#*VempraRua*” se torna conduta de vida. Jeito de reconstruir no aqui e agora da história, com suas possibilidades e ambiguidades, a práxis de

Jesus de Nazaré. Para os jovens da PJ urge viver este momento histórico como uma experiência mística e com coração contemplativo e indignado.

## REFERENCIAS

ALENCAR, Chico. Indignação. In: *Virtudes*. São Paulo/Rio de Janeiro: Loyola/PUC-Rio, 2001. p. 96-101.

ARAGÃO, Gilbraz. Indignação. In: *Virtudes*. São Paulo/Rio de Janeiro: Loyola/PUC-Rio, 2001. p. 106-111.

BINGEMER, Maria Clara. Contemplação In: *Virtudes*. São Paulo/Rio de Janeiro: Loyola/PUC-Rio, 2001. p. 7-9.

BINGEMER, Maria Clara. *Em tudo Amar e Servir*. Mística Trinitária e práxis cristã em Santo Inácio de Loyola. Coleção Fé e Realidade nº 28. São Paulo: Loyola, 1990.

CASALDÁLIGA, Pedro e VIGIL, José Maria. *Espiritualidade da Libertação*. Serie III A Libertação na História. Coleção Teologia e Libertação. Petrópolis: Vozes, 1993.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO – CELAM. *Civilización del amor: proyecto y misión*: Orientaciones para una Pastoral Juvenil Latinoamericana. Documento CELAM nº 173. Bogotá: CELAM, 2012.

CRUZ, São João da. *Noite escura da fé*. Disponível em: <<http://documentosocdsigreja.blogspot.com/2009/09/poemas-maiores-de-sao-joao-da-cruz.html>> Acesso em: 26/04/2014.

DICK, Hilário, *Mínimo do mínimo para anunciar uma boa-nova à juventude*. Caderno ciência e fé. Vol 1. Nº 3. Curitiba: Champagnat, 2013.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O Peregrino e o Convertido*: A religião em movimento. Petrópolis: vozes. 2008.

LEITE, José. Contemplação In: *Virtudes*. São Paulo/Rio de Janeiro: Loyola/PUC-Rio, 2001. p. 35-54.

LIMA, Vera Souza. Indignação. In: *Virtudes*. São Paulo/Rio de Janeiro: Loyola/PUC-Rio, 2001. p. 102-105.

LÖWY, Michael. *A guerra dos deuses*: Religião e Política na América Latina. Petrópolis: Vozes, 2000.

PEDREIRA, Eduardo Rosa. Contemplação In: *Virtudes*. São Paulo/Rio de Janeiro: Loyola/PUC-Rio, 2001. p. 25-34.

PEREIRA, Miguel. Contemplação In: *Virtudes*. São Paulo/Rio de Janeiro: Loyola/PUC-Rio, 2001. p. 18-24

SÁNCHEZ, Jesus Hortal. Indignação. In: *Virtudes*. São Paulo/Rio de Janeiro: Loyola/PUC-Rio, 2001. p. 92-95

SILVA Joaquim Alberto Andrade; VIEIRA, Luís Duarte e SILVA, Roberta Agostinho (Org.) *Somos Igreja Jovem*. Pastoral da Juventude um jeito de ser e fazer, São Paulo: FTD, 2012.

SOFIATI, Flávio Munhoz. *Juventude Católica: o novo discurso da teologia da libertação*. São Carlos: EdUFSCar: 2012

VIANNA, Luiz Werneck. A busca por reconhecimento e participação política: o combustível das manifestações. In: *#VEMpraRUA: Outono Brasileiro? Leituras. Cadernos IHU Idéias*, São Leopoldo, ano 11, nº 191, p. 7-11, 2013. Disponível em: <[http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/191cadernosihuideias\\_2.pdf](http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/191cadernosihuideias_2.pdf)> Acesso em: 07/04/2014.

YUNES, E. Contemplação In: *Virtudes*. São Paulo/Rio de Janeiro: Loyola/PUC-Rio, 2001. p. 12-17.

*#VEMpraRUA: Outono Brasileiro? Leituras*. In: Introdução. *Cadernos IHU Idéias*, São Leopoldo, ano 11, nº 191, p. 5, 2013. Disponível em: <[http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/191cadernosihuideias\\_2.pdf](http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/191cadernosihuideias_2.pdf)> Acesso em: 07/04/2014.

---

<sup>i</sup> Quanto ao uso da hashtag convém lembrar que é uma ferramenta das redes sociais (facebook, twitter, instagran etc). O símbolo # configurava palavras e frase num link clicável. O que torna muito mais ágil não só a circulação da informação, mas também a co-participação num pensamento ou atividade.

<sup>ii</sup> Grifo nosso.

<sup>iii</sup> Trecho da música Caminho das Águas.

<sup>iv</sup> CRUZ, São João da. **Noite escura da fé**. Disponível em: <<http://documentosocdsigreja.blogspot.com/2009/09/poemas-maiores-de-sao-joao-da-cruz.html>> Acesso em: 26 abr. 2014.

<sup>v</sup> Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=TvfSAAtBhxbE>> Acesso em: 16 abr. 2014.

<sup>vi</sup> Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=M4GLhzWoS1c>> Acesso em: dia 20 abr 2014.

<sup>vii</sup> Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=SaatmMVuJDM>> Acesso em: 20 abr. 2014.

<sup>viii</sup> Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=jT4M4p3dtEs>> Acesso em: 21 abr. 2014.